

8

Conclusão

Ao finalizar este trabalho, pode-se concluir que a teologia de Bruno Forte abre caminho para se elaborar um discurso sobre Deus que, partindo da revelação Trinitária em Jesus Cristo, supere as inúmeras deturpações e manipulações da imagem de Deus fortemente crescentes no mundo hodierno e que favorecem o ateísmo e o indiferentismo à questão de Deus. No caminho percorrido até aqui, procurou-se apresentar, de modo sistemático, a doutrina cristológico-trinitária de Bruno Forte; certamente, não com a pretensão de esgotar a riqueza da reflexão do teólogo objeto da pesquisa, mas no desejo de evidenciar alguns aspectos de sua teologia que muito podem colaborar para a Teologia e a Pastoral da Igreja em nosso tempo. Com sua teologia, situada na tradição do pensamento histórico da Itália Meridional e enriquecida com a experiência das escolas de Tübingen e de Paris, Forte apresentou a importância de se pensar a fé cristã a partir da sua própria essência: a fé no Deus Trinitário pensado no horizonte da História, na qual se manifesta, especificamente, na história de Jesus de Nazaré. Suscita, com isto, a promoção de uma “teologia teológica”, ou seja, uma teologia centrada no específico do Cristianismo, o Mistério do Deus Trino, ao mesmo tempo que recupera a relevância do pensar teológico na sociedade, uma vez que procura elaborar sua teologia a partir da História, tendo um olhar aos desafios apresentados no tempo presente, desenvolvendo uma concepção trinitária da História e apontando para a pátria trinitária.

Pode-se constatar que Bruno Forte, como afirmou o cardeal Martini, conjuga, simultaneamente, tradição (especialmente, a bíblica e a patrística) com a modernidade, teologia e espiritualidade, reflexão e pastoral.¹ Ao mesmo tempo que desenvolve sua teologia fundamentada na tradição bíblica e patrística, o teólogo dialoga com os grandes projetos da modernidade e da sua crise, com o ser humano emancipado e com o problema dos excluídos que revela o fracasso da razão totalizante, ou seja, dialoga com o horizonte da modernidade e da pós-modernidade. Sua teologia é densa, verdadeiramente dotada dos critérios de cientificidade, mas é, simultaneamente, desenvolvida a partir de uma experiência

¹ Cf. MARTINI, C. *L' interesse di un'opera nuova*, pp. 11-17.

com o Ressuscitado na comunidade orante e litúrgica; sua teologia não se constitui numa mera repetição magisterial, mas num verdadeiro esforço de se pensar a fé em diálogo com o atual horizonte cultural, sabendo discernir as implicações da mesma para a vida concreta da Igreja e do cristão.

A teologia fortiana sugere ainda a elaboração de uma teologia que não seja especulativa, mas histórico-econômica; uma teologia que recontar o revelar-se de Deus na história, a partir do testemunho do Antigo e Novo Testamento, portanto, uma teologia narrativa. Ao se narrar a experiência de Deus realizada no Antigo e no Novo Testamento provocar-se-á um encontro pessoal com Cristo no qual o que faz tal experiência responderá em primeira pessoa ao questionamento do Mestre: “E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mt 16,15 // Mc 8,27; Lc 16,15). Neste sentido, na esteira de Forte, se elaborará uma teologia que nasce do silêncio, da escuta amorosa da voz do Amado, que busque ouvir esta voz no hoje da existência humana, à semelhança das primeiras comunidades cristãs, uma teologia que é um discurso humano que pretende dar uma palavra sobre o Mistério, mas, ao mesmo tempo, escuta do Deus que amorosamente fala de si ao seu povo.

Seguindo o modo de ser fazer teologia de Forte se procurará articular os dois pilares fundamentais para se construir uma reflexão teológica: o interlocutor e o objeto da reflexão, aquele para quem se fala – o ser humano considerado no contexto no qual está inserido – e, o dado da fé – a Sagrada Escritura, fonte da Teologia. Elaborada na perspectiva da História, a teologia superará a tentação de se fechar em pequenas questões de cunho interno e perceberá que tem de oferecer algo para o mundo no qual as pessoas passam fome, sofrem e, no que diz respeito à fé, tornam-se ateias ou indiferentes para com a questão de Deus, redescobrimo assim sua própria grandeza e missão.

Sobre o conteúdo da teologia fortiana, pode-se observar a centralidade que ocupam o mistério pascal e o mistério trinitário de Deus, que são apresentados intimamente relacionados. Lendo-o pode-se entender que traçar o sinal-da-cruz equivale dizer: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. A fé no Deus trino parte do mistério da cruz de Cristo iluminado pela sua gloriosa ressurreição. Na teologia de Forte transparece a “correspondência” entre a Trindade econômica e a Trindade imanente, a alteridade de Deus em relação ao mundo e em vista da salvação da humanidade, salvaguardando, entretanto, a adequada distinção de modo que a Trindade imanente não se reduza à dimensão da História. Embora a

Trindade se manifeste na história humana e se deixe ser encontrada nela, revelando o seu próprio ser, sobretudo na história de Jesus de Nazaré, esta mesma Trindade se mostra como muito maior do que o horizonte da compreensão humana e da História, ela se apresenta, verdadeiramente, como um mistério diante do qual o ser humano se aproxima, experimentando-o com estupor e admiração; mistério insondável diante do qual o ser humano tem de desamarrar suas sandálias, reconhecendo sua pequenez; conhecimento de Deus que não se constitui numa “apreensão” do ser divino, mas num experimentar sua graça e salvação, voltando-se amorosamente para Ele. Com isto, verifica-se a importância da humildade do discurso teológico que não deve e nem pode ser a palavra última acerca do Mistério, mas uma palavra dita no gozo da experiência de Deus que aponta uma realidade que ultrapassa a linguagem e a experiência humana, além disto destaca-se que a teologia deve ser sempre mistagógica, realizada de joelhos diante do Mistério procurando balbuciar alguma palavra acerca Dele. Recordar-se que no evento pascal está a essência divina como amor eterno dos Três e amor dos Três pelo ser humano e a possibilidade de se deslumbrar a altíssima vocação do ser humano que é a acolhida a este amor, à imagem do Filho. A cruz fulgura como revelação da Trindade, revelação de que Deus não é impassível, mas que, ao contrário, padece as dores deste mundo, o Deus compassivo. Redescobre-se a falar de Deus narrando o amor: narra-se o evento pascal como amor circulante entre as pessoas divinas e amor delas para com o mundo e, ao se fazer tal narração, se redescobre a beleza e a força da atração deste evento, que suscita novas experiências amorosas, seja com o Deus Trino, seja dos seres humanos entre si. A Teologia se descobre, assim, como narração do amor crucifixo, narração do Eterno diálogo dos Três, para estimular e fortalecer um estilo e uma prática de diálogo e amor entre os seres humanos.

Ao se perceber a crise não somente da instituição, mas também da fé, fixar-se na essência do Cristianismo pode renovar o coração dos batizados e, verdadeiramente, apresentar o Evangelho como uma boa-notícia, capaz de dar sentido e alegria aos homens e mulheres; propor uma história capaz de encantar e dar sentido ao coração humano, ao narrar a história de Jesus, na qual Deus se humanizou e assumiu livremente o rebaixamento da cruz a fim de atrair todos ao seu divino amor. Numa época de renúncia de horizonte, de sentido, narrar a beleza do evento pascal torna-se caminho para a recuperação do verdadeiro e do

bem, caminho para apresentar a doutrina do Deus que quis revelar-se neste evento, oferecendo-se a si mesmo de forma gratuita. No contexto em que a fé cristã não é mais respaldada pela sociedade, os cristãos são chamados a fazer uma experiência forte de Deus e transmitir esta fé como uma proposta de vida feliz. Daí decorre a atualidade de se centrar na pessoa de Jesus, sua vida, sua história, sua mensagem por meio do Santo Evangelho e deixar-se seduzir por este amor capaz de transformar a vida pessoal e comunitária. Na história de Jesus se mostra a verdadeira imagem de Deus, que, muitas vezes, foi apresentado como juiz e controlador, distante e ausente, violento e tapa-buraco, castrador da liberdade humana e construído segundo os critérios humanos. Faz-se mister narrar a história de Jesus para perceber um Deus próximo, amigo, solidário para com a história humana marcada por sofrimentos de diferentes espécies, um Deus preocupado em oferecer a felicidade para o ser humano. Com a história de Jesus, portanto, dá-se um conteúdo cristão à palavra “Deus”.

Enfim, observa-se que uma cristologia como história do Deus Trindade pode proporcionar uma verdadeira experiência com o Deus de Jesus Cristo de modo a subverter a história daqueles que se aventuram a viver tal experiência bem como a História na qual estão inseridos. A doutrina cristológico-trinitária impõe-se, desta forma, como um verdadeiro Evangelho ao ser humano, que, hoje, ao tomar posse do amor gratuito de Deus, envolvido pelo mistério de comunhão, torna-se, também ele, capaz de amar e fazer de sua vida um dom. A redescoberta da cristologia trinitária – que parte da história de Jesus de Nazaré, revelando a história do Deus Trindade e, por conseguinte, a história humana na qual Deus fez história – possibilita que o discurso sobre Deus desperte o ser humano para a contemplação do mistério de Deus e favorece que tal discurso retome a dimensão existencial que lhe é própria.